

B
2862
Z

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel
havendo liberdade de fallar, escrever
e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARIZ.

Anno I

Quinta-feira 13 de Novembro de 1860.

N. 1

ACAJÁ.

Em duas palavras.

A mocidade brasileira que se dedica ao commercio, ainda se não entregou totalmente ao somno da indolencia; ella reconhece não poder uso-fruir um papel importante na carreira das letras, com tudo não cessa de convergir os esforços precisos para colher algumas noções litterarias.

Neste intuito surge o *Acajá*. Seu título bem significativo, perfeitamente coaduna com os recursos dos seus autores que, reunindo-se diariamente em numero de doze para entreterem-se nas horas do descanso de suas lidas materiaes em illustrar o espirito, não encontrarão um meio mais estimulante para desenvolverem-se nessa tão espinhosa quanto illustrada missão.

Reconhecemos que, para os leitores, nossos escriptos talvez não possuão ter nem o merito da novidade; não obstante esse facto, por mais severos que sejam na apreciação dos artigos inseridos no *Acajá*, não podem deixar de reconhecer que, se somos faltos de recursos superiores para dignamente preenchermos essa tarefa, sobra-nos os melhores desejos de lograrmos os nossos fins e por tanto de podermos ser algum dia uteis ao paiz e as letras.

Assim pois, reclamamos com ardor a coadjuação dos nossos benignos leitores, pois sem ella, ingenuamente confessamos, nossa missão não pôde medrar.

Nada mais promettemos que o emprego dos possiveis esforços em prol da estabellidade do *Acajá*; aquelles porém, que, mais ha-

bilitados do que nós para semelhante mister, quizerem coadjuvar-nos com suas luzes, de bom grado os acceptaremos no nosso gremio.

As columnas do *Acajá* estão promptas á inserção de escriptos litterarios, scientificos e instructivos e bem assim de produções que contenhão materia de interesse geral, com tanto que sejam enviadas pelos respectivos assignantes, e por estes confeccionadas; os trabalhos que tratem de politica, direitos adquiridos e de assumptos em antithese ás bases e especificadas, não poderão ter publicidade.

Viajantes sem guia, prevemos desde já os escolhos que encontraremos nessa tão pedregosa estrada; se porém não podermos vencel-os, ao menos trataremos de tornar um pouco mais facil a passagem sobre elles: se ainda isso fôr totalmente impossivel e por este facto malograr-se o nosso intento, isto é, o fim da nossa peregrinação, muito felizes nos julgaremos se divisarmos, mesmo de longe, o pharol luminoso que se acha estacionado no espaço demarcado para a sêde imperante de Minerva.

Eis as nossas ambições. A esperanza de obtermos o auxilio que sollicitamos, robustece a creença que nutrimos de nos ser menos difficil o encargo que temos sobre os hombros: ella incita-nos a proseguir na vereda em que damos os primeiros e tremulos passos: portanto cumpre-nos satisfazer os desejos dessa l'estrella que parece tomar-nos sob sua protecção.

Novembro 13 de 1860.

Da Redacção.

Desenvolvimento litterario.

É indubitavel que as letras constituem a verdadeira civilisação dos povos, bem como a verdadeira illustração da intelligencia.

Segundo diz Aristippe « Antes ser indigente te que ignorante; porque ao indigente não lhe faltão senão riquezas, ao passo que ao ignorante, aquillo que o faz homem e o distingue do bruto. »

É na verdade, aquelles a quem a natureza não prodigalisa riquezas, não deixão por isso de viver, logo que seja illuminados por um só dos raios da verdadeira sabedoria. Mas aquelles que recheados de dinheiro, e repletos de desvanecimento fatuo e imbecil, confiados somente no poderio de seu ouro porque lhes satisfaz os mais nefandos e brutos desejos, esses automatos baritanis e cynicos, pobres de qualquer particula de espirito, e fallos de illustração physica ou moral; esses são como estatuas de ouro expostas aos avidos olhares das turbas, mas que só inspirão aversão e asco na opinião de doutos e sensatos, não lhes merecendo mais que um olhar d'escarne.

A despeito de tudo isso, e apesar mesmo de ser predominante na maioria da sociedade na epocha actual, a idea do ouro, contudo ainda surge de quando em quando debaixo de tão perigosas ruínas, os mais audazes e destemidos athletas em prol da propagação das letras.

Perguntar-nos-hão: Quem são esses devotados obreiros que tentão contribuir para a reelevação de um edificio sopeado? Responderemos — a mocidade — a verdadeira crença do porvir!

Somos jovens, e por sermos jovens, cheios de seiva vital, d'esperanças e força de vontade!

A mocidade é bella na esperança da realidade de seus desejos, e mais bella ainda quando os vê realisados.

A França, a Inglaterra, a Allemanha, a Italia, Portugal e a Hespanha, não nos dão exemplos do que é capaz a mocidade?!

Victor Hugo, Milton, Muller, Alfieri, Hercules e Lope de Vega, não nos inspirão?!

No Brasil, mais que em nenhum paiz, as letras podem progredir, não só pela amenidade de seu clima, como tambem pelos variegados

quadros que nos apresenta a mais risonha natureza.

Gregorio de Mattos, Gonzaga, Mont'Alverne, Caldas, Basilio da Gama, Magalhães, Gonçalves Dias e uma infinidade de illustres escriptores nacionaes, são as provas das razões que apresentam; provas incontestaveis de verdadeiro merito litterario: idolos que, mesquinhos que somos, tributamos-lhe o mais reverente respeito.

Pela primeira vez que sahimos a campo litterario, não é sem temor, e ao mesmo tempo ousadia, que pronunciamos estas palavras. Temor; porque sem merito algum litterario aventuramos algumas ideias em abono das letras. Ousadia; por que convictos de nossa insufficiencia, não fraqueamos ante os vultos que nos sombrão, e damos a publicidade e ao escapell) da critica, a succinta exposição do vascar de nossa alma, ou das utopias de nossa imaginação ardente e juvenil.

Silvio Rangel.

Novembro 5 — 1860.



Saudação ao Acajá.

A intelligencia, bem como a terra, precisa de cultivo; sem elle nenhuma por mais fecunda que seja, poderá dar fructo.

Ninguem ignora as difficuldades com que tem de lutar o homem sempre que tenta uma empreza nova para elle e cujos perigos de antemão prevê; mas tambem se o homem não sentisse em si o desejo de se instruir, se não tivesse como que um sentimento innato de sua imperfeição que o leva a procurar por todos os meios ao seu alcance a perfeição que Deus lhe negou; elle não se distinguiria em ponto algum do bruto a quem a natureza, apenas concedeu o instincto, e nem se verião tantas emprezas arrojadas de que tanto bem tem resultado para a humanidade.

Assim o desejo de aprender é inherente á natureza humana, e é em virtude desse movel, desse incentivo, que o homem tirou da terra tantos objectos que lhe são de tanta utilidade; que elle dobrou os animaes ao seu jugo e obrigou o boi, o cavallo e tantas outras seyes da natureza a lhe prestrarem sua

força e seu instincto para a satisfação de suas necessidades.

Não contentando com isso, foi o homem buscar na natureza inerte novos auxiliares, e sugereitando e colligindo os ventos em um pouco de panno fez mover os navios, os moinhos etc.; e, por meio de um conjuncto de rodas e de recipientes, aproveitou o calor que a agoa em ebulição produz e descobriu o uso do vapor que nullifica as distancias e liga as nações e os povos por um laço de ferro!

E tudo isto é ainda o effeito dessa mesma intelligencia imperfita que Deus facultou ao homem!

Demonstrada assim o valor dessa faculdade que temos, é facil conceber de quanto não é ella capaz; porém, de todas as invenções, de todas as descobertas, a de que o homem com mais razão se gloria, é a da imprensa; dessa tribuna onde elle exprime o seu pensamento, as suas ideias que, atravessando distancias incommensuraveis, vão derramar a instrucção e os conhecimentos no seio dos povos!

E' por isso que tem ella sido sempre considerada como a primeira necessidade dos povos livres e muitas vezes a salvaguarda dos seus direitos.

Entre todas as idades do homem, aquella em que o desejo de saber se manifesta com mais força, em que se converte em uma verdadeira necessidade, é a mocidade; não a infancia, mas a quadra dos 15 aos 25 annos.

Nesse espaço de nossa existencia de que tão gratas recordações sempre nos ficão, a intelligencia desenvolve uma actividade verdadeiramente activa e, (permitta-se-nos a expressão) quasi febril.

Essa actividade não se revela só nos jovens que se destinão ás academias; tambem na classe commercial ella apparece e quiçá com mais vigor pelas difficuldades que tem a vencer. E para que disso se tenha uma prova, basta vêr-se o enthusiasmo com que sempre é acolhida a ideia de uma instituição que tenda a vulgarisar o gosto pela litteratura, ou por qualquer outro conhecimento util!

Do que fica exposto, é facil chegar a uma conclusão, a qual vem a ser que as lides commerciaes e o prosaismo dessa vida, não podem suffocar os impetos irresistiveis da intelligencia.

No intuito de desenvolver (e animar mesmo) algumas tentativas tendentes ao progres-

so da classe commercial, reunirão-se doze jovens e fundarão uma associação meramente recreativa que tem por titulo « *O Club dos Doze.* »

Dessa associação nasceu o *Acaja'*.

Destinado a animar o gosto pelo cultivo da mais bella das nossas faculdades, elle offerece suas colungas aquelles dos seus assignantes que quizerem contribuir com o fructo de suas locubrações para o fim a que elle se propõe.

Flôr nascida hontem, deixarcis que o frio indifferentiſmo lhe vá murebar as pétalas?

Por certo que não; assim pois saudamos a apparição do *Acaja'* e auguramos-lhe um risonho porvir.

Jami.



A litteratura brasileira.

Tres seculos e meio que gememos debaixo do jugo lusitano, é sem duvida alguma a causa principal da litteratura brasileira ainda se comparar a uma flor mimosa que começa a desabrochar! Quarenta annos de existencia é espaço limitadissimo para que um paiz do novo continente, possa já possuir uma completa litteratura. Felizmente porém, se ella não se póde medir com a de alguns paizes da Europa, florescente e bella, como está surgindo, promette um futuro digno do paiz que a possui. Se folhearmos as paginas da nossa historia litteraria, veremos que a poesia tem sido o ramo litterario que mais tem progredido, acompanhando-a a litteratura dramatica que não obstante o pouco apreço que grande parte do povo tem dado a este ramo de composições, não tem deixado de florescer no paiz. Na primeira fórma litteraria, nota-se grandes vultos, differencando-se uns dos outros, pela tendencia á poesia lyrica, e á épica, das quaes a primeira parece ter maior numero de cultores. Em outros ramos de litteratura, tambem o Brasil já possui obras de merito. O nosso horisonte litterario, se apresenta risonho e prasenteiro prometendo um futuro lisongeiro. A escassidade de meios para que muitos jovens de talento, publiquem suas composições, concorre em extremo para que intelligencias distinctas vivão esquecidas pelo interior de nossas províncias, dando de tempos a tempos um pequeno sig-

nal de vida, fazendo publicar em algum jornal, uma ou outra composição. E' sem duvida alguma esta consideração, que fez com que alguém dissesse «que preferia a nossa litteratura inedieta à que se acha publicada». Não concordando plenamente com este modo de pensar, reconhecemos contudo que se assim continuarmos, em breve tempo essas palavras exprimirão uma grande verdade. A geração nova, que a pouco acaba de sair das lides de sua emancipação politica para entrar na arena da litteratura, já se tem feito notavel, não só pelos seus homens politicos que com tanto patriotismo se sacrificam para dar a liberdade a seus descendentes, como pelas altas capacidades, que tem surgido no seu mundo litterario. Os nomes aliás gloriosos de Magalhães, Macedo, Mont'Alverne, G. Dias, Porto Alegre, e tanto outros que presentemente não temos em idéa, são provas mui eloquentes dessa verdade. Esses homens, factos brilhantes da litteratura patria, quando vêem surgir um novo talento no terrão em que nascerão, nunca o deixam passar sem que de alguma maneira lhe bradem ao ouvido—*avante!*—e é isto que faz com que muitos d'elles, se animem a proseguir na tão gloriosa, quão espinhosa carreira das letras. Quanto a nós, pobres e d'heis collaboradores deste modesto jornal, procuraremos depositar o nosso obolo de animação, nas mãos de todos aquelles que, não fazendo de sua intelligencia uma mercaderia nas suas mãos, se esforçam pela grandeza da patria. Nossas palavras ainda que despidas de eloquencia ou belleza, são contudo filhas da nossa franqueza e por tanto esperamos sejam recebidas com benevolencia por aquelles á quem nos dirigirmos.

Em estes princípios ainda uma vez repetimos, que as intelligencias que apparecerem no seio do nosso paiz, encontram em nós, se não animadores illustrados e cheios de intelligencia, ao menos espiritos que se esforçam, pelo progresso litterario da terra que os vio nascer.

Novembro de 1860.

F.

Fragmentos.

Na solidão das minhas campinas, entre as brancas penedias sombriadas pelo verde negro da floresta, nas horas que vaguêa deslumbrante a tímida e suave luz da madrugada, quando a candida e serena brisa do sertão suspira, sopitando as flores, agitando a eumíante ramagem, quando torvas, as brumas frias e peregrinas oscilão no topo escarpado da montanha, tu; singella filha dos bosques, encantadora e mysteriosa fada, sublime e consoladora—poesia—não abandones a—«bella filha dilecta das entranhas virgens de America.» E contigo que adormeco a beira placida e magestosa da torrente, e canto atravez da barra escura da montanha; contigo embala-me a esperança do porvir, e conduzes-me entre as harmonias do céu, á vastidão florida da liberdade!

O sangue ardente que me circula, estas rixas e vigorosas veias que bulhão febris neste pul-o americano; aquece-as o sol vermelho do Brazil! Campeão livremente nos meus desertos; não temo a escuridade da escravidão!

O luar da minha terra não inveja a claridade! é puro e delectozo como o perfume dos campos, languido e terno como o somno da virgem!

Lá longe, o mar geme e soluça nas praias tristes e desertas, nas rochas negras e medonhas da tyrannia!... aqui, nas incultas plagas, não chora a brisa os soffrimentos do opprimido! O sol que medea entre as felpudas collinas e estes razos e relvozos campos, não é o sol baco dos poderozos, é o luminoso centro da criação, a corda irradiante de Deos; é aquelle ser de luz que allumia a posteridade, a laureada e serena face do justo, a rugosa e descarnada face do malvado, para julga-las—a religião! —

Neste pequeno bosque que se perde na vasta planície das letras, entre as silvas da litteratura, uma debil e mimoza planta—O *Acajiz*— cresce aos orvalhos furtivos da mocidade: vem regal-a carinhoza poesia quando a intelligencia raiar as fimbrias purpúrias do matutino crepusculo! esmalta-lhe a tenra folhagem com as perolas do teu cabello, com os brilhantes do teu seio, nos enlevos castos do amor!

Sim! porque eu sem ti succumbirei aos

doridos queixumes da vida, e no espaço solitário da melancolia, irei dormir na tumba do abandono, porque nada sou,—triste pyrampo das selvas—; comtudo zelarei nas compridas noites de sua tristeza em magas vigílias quando sombriar a densa nuvem da tempestade;—genio das mattas—cuidarei alegre arrociano-lhe com brandas gottas dos meus olhos, quando immurhecer-lhe as folhas os ardores do menospreso, ou o mormaço intenso da fadiga! Oh! clara estrella dos anjos—da tua luz concede um raio ao firmamento da minha existencia!

Rio de Janeiro 7 de Novembro de 1860.

Coelho do Nascimento.

POESIAS.

O fogo já passou.

O fogo já passou. Agora n'alma
 Eu sinto um puro amor.
 E' doce como o arrulho dos pombinhos;
 E' doce como a briza que em desmaios
 Desmaia sobre a flôr.

Tu talvez nem te lembres dessa noite;
 Nem te lembres das magicas promessas,
 Que minha alma escutou!
 Ah! hoje sou feliz, porque do peito,
 O fogo já passou!

E' doce amar assim. Não pende a fronte
 Por ter um sonho ruim.
 A alma que outr'ora estremecia tanto,
 Hoje—dorme ao remanso dos amores,
 Que é doce amar assim!

Oh! sim. Hoje minha alma dormitando,
 Tem mais vida e esperanza e poesia.
 Oh! tem mais puro amor.
 E' que debaixo da mais doce calma
 Extinguiu-se o ardor.

E' bem doce este amar. O sertanejo,
 De coração t'o diz.
 No beijo puro que me deste á noite,
 Veio o ceu do prazer morar-me n'alma.
 E hoje...sou feliz!

Um beijo! O beijo é o laço venturoso,
 Que vem unir dous corações amantes
 N'um pensamento só.
 Não tenhas dô do beijo que me deste...
 Oh! não, não tenhas dô!

E o coração palpita docemente
 Nesse gozo do ceu.
 E' que o beijo dá vida e dá ventura;
 E' que o beijo descobre dos amores
 O diaphano ceu.

O fogo já passou. Resta-me n'alma,
 Uma lembrança desse fogo extinto:
 Lembrança d'esse amor.
 Hoje nasceu precoce no meu peito
 A mais candida flôr.

Eu hoje sou feliz. Queimei minha alma
 No fogo da paixão.
 Hontem—o sangue me escaldava as veias;
 Hoje—um dislumbre faz cerrar meus cilios...
 Mal bate o coração!...

Oh! que sejas bendita—alma de archanjo!
 Vida nova me deste no teu beijo
 Que terno susurrou...
 Morena! eu sou feliz porque do peito
 O fogo já passou!..

Rio, 19 de Setembro de 1860.

A. Cunha.



Serenata.

Eu tambem fui convidado!
 Eis meu bilhete d'entrada!
 Viva lá rapaziada,
 Não ha festa sem truão;
 Eu cá tocarei machete,
 Toquem vocês violão!
 Vem leda fada
 Da inspiração;
 Oh! meus amores!
 Oh! Brasileira
 Maga das flôres,
 Virgem fagueira,
 Da-me os fulgores
 Do teu condão!

Alsa Salero! Em Scvilha,
 Diz o bardo extasiado,
 Quando o batel infunado
 Corre meigo e pressuroso.
 —*Ei!* meu barco!... Cá no norte
 Diz o matuto saudoso!

E' tão bonito,
 Da mar undoso,
 Vêr no poente
 De arêa fina
 Praia luzente;
 Verde campina
 O sol ardente
 Beijar medroso!

Ei—a meu barco! ... Deixa
 Correr a costa de Olinda.
 Recife a baixo!. Bem vinda
 Sejas tu minha canôa!
Yoyosinho embarque, embarque
 Que já temos marê boa.

Embarque, embarque,
 Que o tempo vôa...
 Ai tão distante!
 Quanto me pesa,
 Terna e constante
 Est'alma prêsa
 Longe d'amante
 Scismando a tôa!

Molha a vêla meu compadre
 Passe o *cambão* lá n'amura;
 Que fique a vêla segura...
 Segure-a bem até vêr!
 Aperte mais os *embanos*
 E deixe a *bicha* correr!

Briza serena,
 Vem me dizer,
 Se viste a minha
 Meiga e saudosa
 Querida Anninha?
 Diz-me: queixosa,
 Vive sosinha
 Por não me vêr?!

O' lá patrão, vamos longe
 Do bravio *lameirão* ?
 — Vamos! — Toca o violão...
 Acima rapaziada;
 Se a viagem não for boa,
 Não se perde a patuscada!

Nas frias noites
 Maga adorada;
 Se em desatino
 Torvo mar corro;
 E's meu socorro
 Astro benino,
 Raio divino,
 Da madrugada!

Rio, 9 de Novembro de 1860.

Coelho do Nascimento.

A Cravina.

OFFERECIDA

AO MEU AMIGO FRANCO JUNIOR.

Ai! porque cedo pendeste
 N'esse hastil?
 Ai! porque mais não te vejo
 Tão gentil?
 Eras outr'ora cravinho
 Bonitinho;
 Mas hoje tudo perdeste
 Minha flôr;
 A pureza,
 A belleza,
 E o amor!

Quem te quiz as lindas pet'las
 Murchar?
 Quem foi teu doce perfume
 Roubar?

Que mão cruel no teu seio
 Foi bulir?
 Quem tantas graças que tinhas
 Fez fugir?
 Meu Deos quão linda tu éras
 N'outras éras!
 Mas hoje nada te resta
 Minha flôr;
 Nem pureza,
 Nem belleza,
 Nem amor!

Deixaste o brilho que tinhas
Morrer!

Deixaste a fronte tão linda
Pender!

Amei-te quando éras bella
A sorrir;

Amei-te quando eras pura
A florir.

Embora murcha hei-de amar-te
Adorar-te;

E terás todo o perdido
Minha flôr.

A pureza,

A belleza,

E o amor!

Todos verão a constancia
De amor;

Que para sempre hei-de ter-te
O flôr.

M. G. de Azambuja.

Botafogo — 1860.

Um sonho

(FOLHA SOLTA.)

Era n'uma manhã mui linda; o sol ostentando todo o seu esplendor, enrubrecia o azul do céu semeado de nuvemzinhas brancas.

Dispuz-me ao meu passeio diario e encaminhei-me para um bosque situado pouco distante de uma pequena aldeia, cujas casas de palha, erão habitadas por indios de Missões.

Achei-me no interior do bosque, n'uma campina, circundada de arvores, que erão confidentes de minhas magoas; assentei-me á sombra da mais copada, e entreguei-me aos meus pensamentos, e ás minhas illusões de mancebo. Admirava a belleza daquelle lugar; via as plantas outr'ora emurchecidas pelas geadas, receberem, trajando gallas, o manto esmeraldino da primavera recamado de florinhas que desprendião perfumes cheios de odores que tributavão áquella visita tão benéfica. Milhares de insectos, zumbindo alegres, libavão essas florinhas, e os passarinhos contentes saltavão canticos melodiosos que se confundião com o murmurio da lympha, que saltava a poucos passos de distancia banhando aquelle jardim de Eden.

Extasiado pela magia d'aquelles canticos, eu admirava tanto os trenos do sabiá, que sobressahião a todos os outros, quanto apreciava o murmurar de tristeza da rolinha, que coadunava com o sentir de meu coração.

Rodeado de tanta belleza, respirando só poesia n'um lugar tão propicio para o goso d'esses momentos tão doces que embalsamão a vida de prazer e adoração; faltava aquella que me dava mais inspiração, faltava Adelia que tem a primazia entre as mais flores, porque è mais bella que todas: os seus labios têm mais perfumes... tudo seu contém mais encanto! Sou bem infeliz, disse commigo: n'esta hora sem aquella a quem eu dedico a minha vida em albor; em quem deposito todas as minhas esperanças de ventura; a quem entregarei os elos do meu futuro!... não posso achar praser! Pensando no anjo que me alimenta a existencia; que robustece as minhas crenças, e a quem amo com um ardor que só a morte pôde apagar, com uma paixão que me queima o cerebro: — adormeci insensivelmente, e sonhei... oh! sonhei com essa virgem, objecto dos meus pensares!... já era feliz!...

Vi-a a meu lado, descansando a linda cabeça em meu regaço, sorrindo tão meiga; embriaga do-se commigo nas auras perfumosas que brincavão com a folhagem; ouvindo tambem as harmonias que eu á pouco admirava só; sentindo todas as emoções que eu sentia... apertei-a em meos braços, e o palpitar dos nossos corações se confundirão: imprimi um beijo nos seus labios roseos-coralinos, e elles tinhão tanto ardor como os meus!... Ditoso momento!... delicia de amor!... encanto da vida!... Ouvindo os segredos d'um coração casto e puro que podia chamar meu, recebendo os perfumados odores de seu collo... oh! tinha-se aberto o horisonte do porvir de glorias, nunca mais nos separariamos; viveriámos eu para ella, e ella para mim; alimentando-nos no amor... Apertei-a em meos braços, e... acordei!.. Oh! fatalidade! vieste em lim marcar o termo das minhas doces illusões; rasgar a cadêa das minhas phantasias; toldar aquelle horisonte tão ameno!...

Ella me ama, e um dia verei a realidade de meu sonho.

Amarante da Cunha.

Novembro, 1860.

Mocidade.

Gloria do presente, esperança do porvir ;
tal és oh ! mocidade.

Flôr mimosa impavida hasteada em gentil e perduravel galho, assim te ostentas sombreada aos rijos sopros do vendaval ; e a briza fagueira perpassando docemente por tuas folhas, orvalha-te de continuo e izcata-te de penderes murcha sobre o hastil.

Assim como o vivificante e flôrido vergel, teu prado é esmalta lo das mais risonhas esperanças ; e qual estrella d'alva tão cobiçada por quantos desejão vêr dissolydas as sombras nocturnas, és o pharol prasenteiro que se divisa nos annaes sociaes e o germeu benéfico que mais felicidades promette.

« Gigante do porvir, » nas bellas phrases de Magalhães, « força do futuro, » segundo Bittencourt da Silva, ou « expressão mais pronunciada das tendencas de uma epocha, » segundo Reinaldo Carlos ; sob todas as classificacões que se lhe dispensem, a mocidade conserva-se sempre na vanguarda de todas as aspiracões nobres, de todas as ideias uteis e de todos os melhoramentos progressistas. Ella orgulhosa do elevado capitel em que mui justamente a collocarão, corre prestes a tomar o posto que lhe é adstricto em todas as emprezas magnanimas, e, os resultados dessa coadjuvacaõ sobremaneira demonstrão a justeza dos titulos que se lhe ha conferido.

Magica fada, ou encanto terrestre, derramas o teu perennal influxo todas as vezes em que surge a necessidade de tão poderoso balsamo, e cicatrizadas as chagas abertas pela accão do tempo, voltas a occupar o teu preexcelso throno !

Mocidade—emblema resplendente do primeiro e mais sublime conjuncto individual ; subsistirás radiante de poder e de vida sempre que teus passos se dirjão às attribucões proeminentes que te são peculiares ; mas, se no proseguimento de tão nobre tarefa tolhar-se, embora com diminutas nuvens, um horizonte tão bello, ellas, graças aos esforços colligados de obreiros numerosos e distinctos, dispersar-se-hão promptamente.

Guerreiros denodados, que não recuão ante os maiores perigos da guerra, arregimentados se achão em tuas divisões ; e, quando o clarim se faz ecoar, convidando os soldados a avançar, nenhum só falta ao toque do corneteiro

e unidos pelas affeicão, valorosos pelo numero e invenciveis pela coragem com que recebem os tiros das phalanges contrarias, tudo destracão e aniquilão sem que uma só vez tenham virado as costas ao inimigo !

E, mesmo a protecção divina se manifesta, todas as vezes que a mocidade tenta qualquer missão nobre e magnanima ; com tão salutar auxilio, impossivel se torna malograr-se qualquer empreza util por ella iniciada !

Embora na actualidade o instincto material do seculo, tenha encontrado um sem numero de proselytos, embora as ideias vetustas e absurdas, desejem ser novamente estabelecidas ; não obstante os innumerados recursos que a intelligencia tem sabido colher e que podem ser empregados ; todos esses elementos não podem fazer face ao valor physico e moral da mocidade, por que esta só por si é uma barreira à semelhautes intencões !

O futuro da mocidade e por todos os titulos lisongeiro ! Prosiga ella na elevada missão que tem sobre si e novas e virentes palmas unirá aquellas que já tem colhido.

E quando com o progresso intellectual do seculo, a geração nova surgir mais risonha e illustrada, quando sob os mais generosos auspicios todas as as vistas se volvão à obra da verdadeira civilisacão dos povos ; então o pedestal glorioso em que a mocidade tão dignamente se acha collocada, será o maior monumento universal acarretando sobre elle toda a admiracão dos vindouros !

15 de Novembro de 1860.

F. T. Leitão.

Inconvenientes resultantes dos motivos que actuão sempre na emprehenção de uma tentativa litteraria, fizerão com que houvesse uma pequena demora na entrega do presente numero do *Acaja* ; a redacção pede aos senhores assignantes a relevacão dessa falta involuntaria e promette a maior regularidade nos seguintes numeros.

As reclamações e todos os mais objectos que tenham de ser entregues à redacção do *Acaja*, devem ser a ella dirigidos e entregues nesta typographia.